

ESPAÇOS FORMAIS DE LEITURA: HISTÓRIAS DE BIBLIOTECAS

KEILA MATIDA DE MELO COSTA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS).

Resumo

Este trabalho apresenta como proposta para a constituição de uma pesquisa de doutorado vinculada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, o resgate das construções de sentido dos espaços formais de leitura, como as bibliotecas, na cidade de Anápolis, Goiás. Os anos de 1950 marcaram a criação de duas bibliotecas do município, a Biblioteca Municipal Zeca Batista e a Biblioteca José de Alencar (conhecida como Biblioteca do Sesc). Ambos são espaços de leitura resgatados pelos protagonistas de um estudo anterior, a dissertação de mestrado intitulada "Literatura em Minha Casa: entre representações e práticas de leitura". Uma grande efervescência cultural caracterizou a década de 1950, manifestada em jornais, documentos e depoimentos diversos. A constituição dos sentidos desses espaços de leitura criada naquele momento: suas funções em um contexto histórico determinado, as práticas e as representações dali decorrentes, os alcances e os desdobramentos sociais que eles foram atingindo no decorrer dos tempos, a relação desses espaços com seus leitores, tudo isso pretende ser resgatado não apenas por estudos bibliográficos, mas também pelas memórias. A História Cultural dará sustentação a esta trajetória. Trajetória que pretende evidenciar histórias de bibliotecas a fim de apontar encaminhamentos no sentido de contribuir para a constituição de políticas públicas comprometidas com a formação do leitor e para que leitores críticos tornem-se também cidadãos críticos conscientes de seus direitos e deveres.

Palavras-chave:

Biblioteca, Representações, Práticas de leitura.

Uma pesquisa sempre aponta outras possibilidades de compreensão da realidade, outros percursos a serem seguidos e conhecidos. Essa experiência tem se concretizado em meu caminhar enquanto pesquisadora e professora. Em minha dissertação de mestrado, intitulada "Literatura em Minha Casa: entre representações e práticas de leitura", defendida no ano de 2007, busquei conhecer não somente um programa de formação do leitor, instituído pelo Ministério da Educação (MEC), o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), juntamente com um dos objetivos desse programa - a constituição de bibliotecas escolares -, como também conhecer histórias de leitores, 22 alunos de duas escolas municipais em Anápolis, GO. Histórias que, em meio a ficção e a realidade, expuseram diferentes espaços de acesso ao livro, para além do espaço escolar. Desses "lugares praticados" de leitura, a Biblioteca Municipal Zeca Batista e a Biblioteca do Serviço Social do Comércio (SESC), chamada Biblioteca José de Alencar, foram citadas.

Os protagonistas de minha pesquisa de mestrado evidenciaram esses espaços como reais, utilitários para eles, crianças que não têm a posse do livro; evidenciaram inclusive a liberdade de acesso ao livro, de escolhas livres, atitude que muitas vezes não se efetiva no interior das escolas, já que, no caso do relato desses alunos, eles faziam referências às bibliotecas escolares. Todavia, outros sujeitos, alunos do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, revelaram com saudades o tempo em que essas mesmas bibliotecas formavam leitores. De acordo com uma das alunas, a Biblioteca Municipal Zeca Batista foi essencial para a formação de seus filhos enquanto leitores: era atrativa e os leitores infantis tinham acervos atualizados e espaços delimitados para eles, espaço específico para crianças. Além disso, várias funcionárias atendiam aos diferentes

setores dessa biblioteca, os quais abrangiam andares diversos. A Biblioteca Municipal Zeca Batista em décadas anteriores era "capaz de seduzir o leitor" a ponto de fazer com que os filhos dessa aluna permanecessem todos os dias depois da aula lá, buscando novas leituras e novos livros.

No mesmo sentido, outra aluna afirma ter se constituído leitora na Biblioteca do SESC, lugar de visitas constantes. Tanto para uma quanto para outra esses espaços de leitura não "existem" mais. Não existem como antes, não são mais "capazes de atrair leitores", como elas afirmam. Os mesmos referenciais de espaços de leituras foram evocados por leitores diferentes, resgatados em tempos históricos diferentes. É Certeau quem aponta a diferenciação entre espaço e lugar. Segundo ele "o espaço é um lugar praticado. Assim a rua definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres" (CERTEAU, 1994, p. 202). De maneira mais detalhada, esse autor, em outro texto, afirma que as maneiras de utilização do espaço fogem à planificação urbanística, pois o arquiteto pensa e fabrica uma cidade vazia. Essa racionalidade é incapaz de articular o que de concreto acontece nesse lugar, enquanto espaço de produção de cultura. Rigidez e flexibilidade marcam o campo da disputa dessa produção. As práticas constituídas pela relação dos sujeitos com os signos pré-fabricados, com os lugares estabelecidos, devem ser analisados, diz Certeau.

A partir desse embasamento, fiquei indagando a forma como uma biblioteca sobrevive no imaginário de determinados grupos a ponto de ser considerada "extinta", de perder "a sua importância" no sentido de seduzir e formar leitores mesmo ainda se fazendo presente na realidade. Práticas aí se revelam! Memórias resgatadas, maneiras de viver os tempos e os lugares que não coincidem com as das crianças/alunos em suas fases escolares (protagonistas de minha dissertação de mestrado). Esse contraposto estaria vinculado ao papel da escola, lugar legitimado para a formação de leitores e escritores? A presença como ausência das bibliotecas públicas, entre o rígido e o flexível, estaria associada ao avanço dos meios de comunicação de massa como outros acessos à cultura? Seria ela resultado de contextos históricos determinados, de avanços culturais e perspectivas econômicas diferenciadas? Quais sentidos de biblioteca então se constituíram e se constituem no decorrer da história de Anápolis? Quais fatores levaram a essas constituições?

Resgatar a compreensão histórica do que se compreende por biblioteca tanto no âmbito das instituições quanto nos programas associados às políticas de leitura reforça, talvez, o que Silva (1991) já denunciava na década de 1990 - o descaso com a constituição e com o funcionamento desses espaços. Passados mais de dez anos desse estudo e de outros, o que de fato mudou em relação às bibliotecas? Essas discussões trouxeram ou têm trazido melhorias para se pensar a constituição e o funcionamento delas? Em busca dessas e de outras respostas, destaco a importância de se reconstruir histórias de bibliotecas, entendendo o percurso dessas constituições, os papéis delegados a elas, os sentidos criados por esses lugares, as práticas e representações dali decorrentes, os alcances e os desdobramentos sociais que eles foram atingindo no decorrer dos tempos, a relação desses espaços com outros (a escola, a cidade, a economia, a questão cultural etc.), com leitores diferenciados. Nos "discursos circulantes", como apreendeu Melo (2007) em sua pesquisa sobre leitores na cidade projetada sob preceitos de modernização e civilidade - Goiânia -, talvez seja possível constituir as histórias das bibliotecas citadas.

Criadas na década de 1950, a Biblioteca Municipal Zeca Batista (1957) e a Biblioteca José de Alencar (1952) são os primeiros espaços legitimados de leitura no município de Anápolis, cidade próxima à Capital de Goiás - Goiânia. Os anos de 1950 marcam ainda, por um lado, a criação da primeira banca de jornal

pertencente ao escritor Paulo Nunes Batista, cuja venda de produtos não se limitava a jornais e revistas, mas também a livros novos e usados; por outro, a publicação das primeiras revistas e o aumento da criação de jornais no município com bem evidenciou Borges (1975). Anhanguera, Sinfonia, Pindorama, Santana, Manchester e Informativo da Associação Comercial foram os títulos das revistas criadas. O avanço jornalístico se caracterizou pela circulação de 13 jornais entre as décadas de 1920 a 1940 e do acréscimo de mais 16 na década de 1950. Nesse contexto de avanço cultural, a idealização de um espaço de leitura era proclamada como necessidade no estado de Goiás. Fato observável por meio da crônica *Oxalá não tarde* do escritor goiano Ursilino Leão, escrita em 1952. Segundo ele:

"Uma biblioteca situada em ponto central e calmo, sistematizada e organizada, com instalações convidativas, possuindo obras variadas e atraentes, consumiria em breve, nossa absurda resistência à leitura, aos livros, ao estudo. Oxalá não tarde essa biblioteca, que vem forçando a própria existência [...]. O século XX descobriu que só mesmo bibliotecas públicas, inúmeras e perfeitas, trarão ao povo a cultura de que necessitam para se guiar, neste mundo, revolto por antagonismos, demagogias e maus profetas. Século do homem do povo, lhe é imprescindível à colaboração das bibliotecas públicas[1]".

A crônica de Ursilino Leão expõe a urgência da criação de um espaço de cultura público, um espaço de formação crítica, para atuação também crítica dos sujeitos na realidade, desvelando antagonismos, demagogias e falsos profetas. O século do povo e para o povo necessitava ser composto de bibliotecas inúmeras e perfeitas, proclamadas a partir de um ideal em termos de localização, estrutura e acervo. Com ela, a resistência aos estudos e à leitura poderia ser substituída pela adesão, pela participação política promovida pelo pensar acerca da cultura materializada em livros e outros impressos. A proposta de avanço cultural no estado de Goiás atingiu Anápolis no mesmo período, década 1950. Uma perspectiva promissora de futuro, de idealização, foi anunciada, como expôs Freitas (2007, p. 35-36), na Revista *A Cinquentenária*, publicada em 1957[2]:

"Daqui a cinquenta anos ... os anapolinos do futuro, por certo, serão milhões. Grandes jornais, grandes revistas, com monumentais oficinas montadas em gigantescos edifícios, iluminados com a energia do átomo, farão por certo uma extraordinária festa para comemorar o centenário de Anápolis, com aparelhos de velocidade super-sônica cortando os céus citadinos, veículos atômicos e objetos estranhos circulando por ruas calçadas com pisos plásticos, impressadas entre aranha-céus que atingirão as nuvens". (FREITAS,2007:35-36)

Para o autor citado, a história desse município abrange duas fases. A primeira, que compreende o período de 1957 até o final dos anos de 1970, revela o crescimento contínuo da cidade, com a ampliação da urbanização em razão de investimentos públicos visando esse desenvolvimento. A segunda, manifestada a partir dos anos de 1980, aponta o declínio do crescimento populacional do município e a priorização de investimentos e incentivos fiscais à iniciativa privada. Fator que privilegia apenas grupos sociais detentores de capital econômico. No âmbito cultural, as décadas de 1970 e 1980 são marcadas pelo auge do cinema e do teatro.

Anápolis carrega em sua trajetória histórica o binômio: passado glorioso e presente precário em relação ao seu desenvolvimento cultural e político. Cidade que completou cem anos de emancipação política em 2007 e, em razão disso, muitos aspectos de sua história necessitam ser revividos, (re) constituídos. A efervescência cultural do município compreende o período de 1920 a 1980. De acordo com o

jornal *O Centenário*, entre as décadas de 1920 a 1940, Anápolis tinha pelo menos sete grupos de jazz, seis bandas musicais, uma grande quantidade de maestros, compositores e cantores[3]. Essa rica cultura envolvia também outros eventos: teatro, cinema, saraus etc. Para o escritor Paulo Nunes Batista, a cultura anapolina antes de 1964 era rica. "A cidade tinha até três jornais, sendo um diário. Aconteciam reuniões da AGI (Associação Goiana de Imprensa), com jantares culturais, com espaço para a poesia e a prosa. Era muito dinâmico". Esse mesmo escritor, assim como o médico e poeta Jarbas de Oliveira, lamenta o declínio cultural que o município vem sofrendo.

A dinamicidade cultural desse município se revela em discursos variados. Passado glorioso e presente precário foram também expostos em relação às bibliotecas. No arquivo da Biblioteca Municipal Zeca Batista encontra-se reportagens que se contrapõem: especificações das maiores bibliotecas do mundo e suas constituições históricas e críticas acerca do fato de que atualmente as bibliotecas não mais atraem leitores. Na tentativa de re-construir ou constituir a história dos espaços de leitura, a partir de um caminhar que se fundamenta nas origens dessas instituições, ou mesmo no período anterior a elas, pois o tempo em que um espaço é criado se difere do tempo em que ele foi idealizado, busca-se entender qual o papel da biblioteca (o espaço reservado a ela) na sociedade. Os sentidos, as representações sobre ele construídas podem ser capazes de promover discussões acerca da escrita na sociedade, consequentemente da responsabilidade da escola em relação à formação de leitores críticos. Não somente isso, é necessário verificar que o ato de ler na biblioteca pública, de ter acesso aos bens culturais que lá se instalam, não se limita aos leitores escolarizados, se expande para além deles. A biblioteca deve ser pensada a partir de seu lugar na cidade, de sua importância para os cidadãos.

Nesse sentido, as seguintes indagações surgem: Quais sentidos de bibliotecas foram construídos na cidade de Anápolis? Como tempos históricos diferentes idealizaram suas bibliotecas? Quais e de forma representações sobre elas foram construídas? De que forma as políticas de formação do leitor promoveram ações significativas para a formação e o funcionamento dessas bibliotecas? Quais as funções a elas delegadas, tendo em vista as caracterizações que as delineiam? Qual o alcance dessas bibliotecas na sociedade, na vida e na formação de leitores?

PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO

A História Cultural tendo como propósito "identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990, p. 15-16), parte da premissa de que as representações do mundo social são determinadas pelos grupos que as forjam. Para Chartier (1990, p. 17):

"As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação". (CHARTIER, 1990:17)

Poder e dominação que tentam delinear, a partir da imposição de certos grupos, a concepção do mundo social. Caracterização da realidade tal como o grupo pensa que ela é, ou gostaria que fosse. Daí a importância, como afirma Chartier (1990), dos discursos proferidos com a posição de quem os profere. Por esse percurso é necessário compreender de que forma as representações de uma biblioteca vem

sendo reconstruídas no decorrer dos tempos, de que maneira essas representações estão vinculadas ao avanço e ao declínio cultural da cidade de Anápolis. O estudo das representações, como expôs o autor citado, têm tanta importância quanto as lutas econômicas. Junto a ele se alia o estudo sobre as práticas e as apropriações de leitura.

"O sonho de uma biblioteca universal sempre excitou as imaginações ocidentais" (CHARTIER, 1999). Uma biblioteca capaz de abarcar todos os saberes produzidos pela humanidade, uma forma de poder que acabou sendo, no decorrer dos tempos, idealizada também por príncipes, bibliófilos e particulares. O mito de Alexandria foi reconstruído por uma das protagonistas da pesquisa de Melo (2007) ao reviver a história da Biblioteca Pública Municipal de Goiânia. História marcada por deslocamento, entendido como ausência de um lugar determinado para o espaço de leitura da biblioteca. Segundo a autora citada, as andanças da Biblioteca Pública Municipal de Goiânia expõem:

"Ao mesmo tempo, a fragilidade dos discursos populistas do poder sobre a criação de espaços de leitura e sua incapacidade de dotá-los de políticas públicas consistentes de formação de leitores e também a tolerância dos leitores, que, cansados dos lugares adaptados, esperam um espaço de prazer e adequação para suas leituras". (MELO, 2007, p. 89)

Na tentativa da efetivação do lugar da biblioteca como espaço praticado de leitura, o resgate da memória dos protagonistas da pesquisa de Melo (2007) ora se apresentaram como aceitação do passado, ora como reconceituação de um passado que se faz presente. Para Halbwachs (2004), o passado não é conservado, é reconstruído com os olhos no presente. A memória não emerge na íntegra como em um espelho, é influenciada e se apóia na memória coletiva do grupo de pertencimento do indivíduo, e é constantemente alimentada por esse processo. O grupo é o suporte da memória coletiva, cujos elementos são as memórias individuais. O ser só torna público suas lembranças quando essas são aceitas. Em razão disso, apenas é lembrado ou expresso o que tem significado para o grupo, o que tem significado em um determinado momento histórico. Por isso a memória é seletiva. Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir com as imagens e idéias de hoje as experiências anteriores. A memória não é sonho, devaneio, pois o limite entre o sonho e a realidade é muito tênue. A memória é, pois, objetiva e subjetiva ao mesmo tempo, num movimento contínuo de transformação, em que o tempo modifica a releitura do que foi vivido.

O resgate da memória supõe a construção de uma realidade plural, em que diferentes perspectivas abarcam um objeto de estudo, no caso, a biblioteca. Um resgate que revela a importância da escrita da história não apenas a partir de documentos impressos, mas também por meio de narrativas. Na pesquisa de Melo (2007, p. 88), o espaço da Biblioteca Pública Municipal de Goiânia emergiu enquanto diferenciação: de um lado, ela foi percebida / retratada como uma grande e suntuosa biblioteca, discurso expresso por Dona Julieta; de outro, como um depósito inerte de livros, "um mero depósito de livros empoeirados", como expôs Sr. Gesco.

Outro estudo trouxe a discussão dos deslocamentos das bibliotecas públicas. Assim como acontece no histórico da Biblioteca Municipal Zeca Batista em Anápolis. Caracterização que marca a história das bibliotecas e dos gabinetes de leitura do

Rio de Janeiro no século XIX de acordo com Schapochnik (2005) e continua marcando novas histórias. A constituição/reconstituição de algumas das bibliotecas públicas no Brasil expressa o descasso com a concretização dos espaços legitimados de leitura. A ausência de um lugar determinado, fixo, dificulta a possibilidade de a biblioteca se constituir como tal. Constituir-se como uma instituição de acesso à cultura, de formação do leitor crítico.

No período de 1810 a 1900, havia 191 bibliotecas espalhadas pelos territórios brasileiros. As décadas de 1861 a 1880 marcam o *boom* da criação desses espaços, 108 bibliotecas, uma delas presente no estado de Goiás. Schapochnik (2005) as caracteriza pelas seguintes modalidades: bibliotecas públicas, bibliotecas associativas e bibliotecas populares. Dois modelos biblioteconômicos definiam as bibliotecas públicas naquele momento criadas: o modelo anglo-saxônico, vinculado ao espírito associativo, favorecia uma rede de bibliotecas com objetivos determinados (religiosos, morais, filantrópicos); e o modelo francês caracterizava a biblioteca como um lugar aberto ao público de forma gratuita e com horário fixado. Tanto o horário quanto as instruções normativas desses espaços refiguravam o público a eles destinado. Essa primeira modalidade de biblioteca era de responsabilidade do estado, que atribuía a essas instituições "a função de conservação do acervo e a difusão do saber acumulado quase que exclusivamente a uma audiência constituída por eruditos e estudiosos locais" (SHAPOCHNIK, 2005, p. 234).

A segunda modalidade era constituída pelos gabinetes de leitura ou bibliotecas associativas. Lugares de caráter privado e, em muitos casos, custeados por comunidades estrangeiras radicadas em terras brasileiras. Essas bibliotecas e gabinetes constituíam-se em espaços masculinos de sociabilidade. Todavia, o empréstimo de livros favorecia as práticas de leitura domésticas, às práticas de leituras femininas. E, por fim, a terceira modalidade, implantada no Brasil a partir de 1870, foi chamada de biblioteca popular. Instituição pública, aberta a todo tipo de leitor. Entretanto, esse espaço legitimado de leitura era muitas vezes visto como moralizador e civilizador, uma vez que o acervo que o constituía estava vinculado à complementação da instrução elementar. A biblioteca popular acabava, nesse caso, reforçando "o papel delegado" à escola. Esse espaço de leitura era mantido por iniciativa de particulares (lojas maçônicas, letrados, negociantes, simpatizantes do abolicionismo, grupos políticos) com auxílios municipais e provinciais.

Lopes (2008) descreve também a trajetória da biblioteca pública percorrendo a constituição desse espaço na Europa, América e, em especial, no Brasil. Segundo ele, apoiando-se em outros autores, a biblioteca pública atualmente se assemelha às primeiras bibliotecas européias, mantidas por doação e contribuição pública, sendo elas gerenciadas pelos administradores municipais. A preocupação com leitores populares fez com que coleções específicas fossem criadas, adaptando leituras clássicas para que a "compreensão" da leitura fosse efetivada. No Reino Unido, criaram-se impostos para manutenção desses espaços. Espaços que se constituíram marcados por punições, censuras e controle de livros e de leitores. A influência da escrita, o poder que ela exercia (exerce), fazia com que as publicações (aceitas para circulação) veiculassem a ideologia do poder. Isso, no Brasil, era controlado por órgãos do governo, como o Instituto Nacional do Livro (surgido em 1937) e o Serviço Nacional de Biblioteca (criado em 1961). Ter a posse do livro significava ter um discurso legitimado, controlado; leis, para isso, foram criadas. Portanto, resgatar histórias de bibliotecas pressupõem entender o poder da escrita, do livro na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de Shapochnik (2005) comprova a existência de uma rede de bibliotecas no Brasil no período anterior ao século XX, período marcado pelo alto índice de analfabetismo. Evidencia inclusive ideologias de constituição desses espaços, da mesma forma como ocorre em outros estudos que envolvem a discussão dos livros e das bibliotecas, tais quais de Lopes (2008) e de Melo (2007). O século XX, em determinado momento da história de Anápolis, caracteriza-se pela constituição de uma cultura rica, que é evidenciada com nostalgia no século XXI. Com certeza essa rica cultura se encontra entremeada por acontecidos nacionais ou mesmo internacionais, haja vista a Marcha para o Oeste, o avanço da industrialização, as épocas de grande censura etc. Reviver a história das bibliotecas públicas supõe tentar apreender esse espaço como " 'lugar praticado' por 'operações' do sujeito histórico nos 'tempos' construídos pelo imprevisto, pelo descontínuo, pela falha, pelo lacunar", assim como fez Melo (2007, p. 20).

Na busca por essa "história parcial", de uma percepção de um "presente-passado", esta pesquisa terá como protagonistas diretores/responsáveis pelos espaços formais de leitura em Anápolis - Biblioteca Municipal Zeca Batista e Biblioteca José de Alencar, em tempos históricos diferentes; bibliotecários que, de certa forma, participaram/participam da história dessas bibliotecas, leitores que freqüentaram/freqüentam esses espaços de leitura e escritores capazes de recontar essas histórias. O resgate dessas memórias irá dialogar com fontes impressas diversificadas: documentos históricos, revistas, jornais, livros literários, fontes iconográficas disponíveis no museu da cidade, documentos que registraram passagens importantes da história do município, seus cinquenta e cem anos de existência.

Enfim, a intenção é não apenas reconstruir histórias, mas conhecer como essas construções se efetivaram e se efetivam como resquícios de um passado a partir de um presente que se repete, por exemplo, no descaso com as bibliotecas. Os laços que unem presente e passado apontam o transparecer desse passado como algo que não passou, pois ele de maneira real se materializa. Para entender o papel da biblioteca é preciso percorrer a trajetória de sua constituição, as realidades que a constituíram (e a constitui), as representações e os sentidos criados, a efetivação dos lugares em espaços praticados de leitura. É preciso ainda entender a biblioteca na cidade, para os cidadãos, com todas as implicações daí decorrentes, tanto as que envolvem as discussões acerca do leitor e da leitura, das políticas de leitura, como as que definem a constituição da biblioteca em contextos urbanizados, determinados historicamente.

REFERÊNCIA

BORGES, Humberto C. *História de Anápolis*. Goiânia: Cerne, 1975.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. *A história cultural, entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand Brasil, S.A., 1990.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

FREITAS, Revalino A. Anápolis, fundos públicos e expansão urbana; 1957 - 1997. In: TOSCHI, Mirza Seabra (org.). *100 anos: Anápolis em pesquisa*. Anápolis: [s.n.], 2007 (Goiânia: E.V.).

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

LOPES, Leonardo M. *Biblioteca Pública Municipal Rosulino Campos: memória, história e leitura*. 2008. Goiânia, Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UFG, Goiânia, 2008.

MELO, Orlinda M. de F. *A invenção da cidade: leitura e leitores*. Goiânia: Editora da UFG, 2007.

SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço na leitura. In: ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola*. 10. ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1991.

[1] Trechos retirados do *Jornal do Estado*, seção Cidades, de 6 a 12 de janeiro de 2007.

[2] A Revista *A cinquentenária* foi uma produção feita em homenagem aos 50 anos de Anápolis.

[3] O jornal *O Centenário* é resultado de um projeto idealizado como ensejo às comemorações dos 100 anos da cidade. Ao todo são 14 números com temáticas variadas. A notícia mencionada foi retirada do jornal *O Centenário*. Aspectos históricos da cultura Anapolina. ano 1, nº 4, setembro, 2007.